

As Ideias Económicas na Ação Pastoral de Frei Manuel do Cenáculo

por

Francisco António Lourenço Vaz

Departamento de História – Universidade de Évora/CIDEHUS

Resumo: A ação pastoral de Frei Manuel do Cenáculo caracterizou-se por um grande dinamismo, sobretudo a partir de 1777, quando chegou a Beja para exercer o papel de pastor do rebanho que lhe tinha sido confiado. Pode-se dizer também que esta é uma nova fase na vida do bispo, que durante o tempo de Pombal foi um dos principais responsáveis pela política cultural delineada e teve intervenção direta nas reformas pedagógicas, nomeadamente, na reforma da Universidade de Coimbra.

Caído em “desgraça”, abandonado pela corte e pelos seus, vilipendiado na praça pública Cenáculo, que era então um homem maduro e à beira da velhice, contava 53 anos, encontrou na pastoral o refúgio para dar asas ao dinamismo e pôr em prática muitas das ideias que bebera nos livros, seus fiéis amigos desde a juventude. As ideias de Cenáculo integram-se num quadro e contexto do iluminismo católico, que contava com referências de mestres como Luís António Verney e o Abade António Genovesi em Itália, autores que Cenáculo leu e conhecia bem.

Neste trabalho, tomamos como ponto de partida esta segunda fase da vida de Cenáculo, que se estende por 37 anos e, como é sabido, corresponde aos anos de Beja e depois de arcebispo de Évora, a partir de 1803. Procuramos sistematizar as ideias económicas presentes no seu episcopado, tomando como referência principal os textos pastorais, as cartas dirigidas ao clero e restantes diocesanos, os registos que constam do seu diário, onde se encontram diversas memórias, registos numéricos e outros textos. Numa primeira parte e em jeito de contextualização traçamos o quadro síntese da ação pastoral do bispo bejense e depois arcebispo de Évora. Numa segunda descrevemos as ideias económicas que os textos nos revelam.

Palavras chave: Pastoral, Instrução, Reformismo Económico, Esmola.

Introdução

Como já salientámos em anterior trabalho, e como como já reconheceu Jacques Marcadé, seria um esforço vão procurar na extensa obra de Frei Manuel do Cenáculo um pensamento económico sistematizado ou teorizações sobre a ciência económica¹. Contudo, a falta de teorização económica na obra de Cenáculo, não quer dizer que não se tenha interessado pelas questões económicas. Com efeito, Francisco da Gama Caeiro reconheceu nas obras do bispo de Beja ideias económicas, vendo na mentalidade do prelado e sua formação ideológica uma grande preocupação pelo desenvolvimento dos recursos agrícolas da região, tendo em vista o melhoramento do nível económico do povo e o maior povoamento do território. Tomando como exemplo a *Pastoral Sobre a confiança na Divina Providência*, identifica as ideias económicas de Cenáculo com as «conceções económicas do iluminismo, inspiradas nas doutrinas dos fisiocratas»².

A ação pastoral de Cenáculo teve como preocupação dominante a virtude e o bom costume, que António Genovesi entendia como as bases do bem-estar e riqueza das nações³. Para construir esses alicerces da sociedade, a instrução do clero e do povo foi a finalidade da pastoral de Frei Manuel. Para o clero, estabeleceu todo um programa de estudos, desde o estado de ordinandos, até a um programa de formação contínua, para os clérigos de todos os níveis, as conferências eclesiais. Para o povo desse Alentejo profundo que ele bem conheceu, o sinónimo de instrução foi o catecismo. Num e noutro caso a instrução é a base do reformismo económico. No primeiro, porque a formação de uma elite ilustrada, ou de pastores à altura das necessidades da comunidade cristã, não apenas no plano espiritual mas também material, trará como consequência o bem-estar da comunidade. No segundo, porque o ensino do catecismo disciplina, incute o bom costume, a virtude e é indispensável à aplicação ao trabalho e portanto fonte de riqueza para o Estado.

¹ Marcadé, 1979, p. 85.

² Caeiro, 1998, pp. 422-425.

³ Vaz, 2002, p. 25.

1. Visitas pastorais e textos

A pastoral de Frei Manuel do Cenáculo ficou marcada por um dinamismo surpreendente, que tinha por base uma saúde de ferro, pois apenas encontramos um registo de doença, no dia 3 de Janeiro de 1785⁴. Inventariámos 18 visitas pastorais, só durante o episcopado de Beja, incluindo a visita que fez em 1798 para sagração do Mosteiro da Serra de Ossa, em representação do arcebispo de Évora (cf. quadro em Anexo).

Um dado a reter é a propensão de Frei Manuel para a estatística, então designada aritmética política. O diário permite-nos comprovar que há uma nítida preocupação para apresentar o deve e haver de algumas das visitas pastorais. Em algumas situações, a contabilidade está mesmo duplicada: uma redigida pelo próprio Cenáculo e outra pelo seu secretário. Os registos não se limitam ao dinheiro gasto ou com as receitas das oblatas, em dinheiro e em velas, apresentam também dados sobre a administração dos sacramentos, sobretudo o crisma. Sobressai uma preocupação com a cristianização das terras alentejanas, com a imposição do rigor da ortodoxia de acordo com os cânones tridentinos, mas também com o contacto direto com os povos, para diagnóstico da situação socioeconómica. Como franciscano, Frei Manuel do Cenáculo não podia remeter-se ao paço e ignorar os males que afligiam os seus diocesanos. Contra os males que afligiam os povos, nas ideias do Bispo de Beja, impunha-se não apenas tratar das almas, mas também tratar os corpos.

A primeira visita, iniciada em Novembro de 1778, pode ser encarada como o modelo e revela-nos bem a atitude de Cenáculo relativamente ao seu episcopado. Como racionalista e homem das Luzes, precisava de ter conhecimento efetivo das terras e povos debaixo de sua jurisdição (não esqueçamos que os bispos exerciam então autoridade política nas suas dioceses). Cenáculo deixou-nos no Diário a descrição da visita passo a passo, desde os preparativos, com a expedição de editais, em 4 de Novembro, para os vigários de Ourique e de Odemira, onde estabelecia o roteiro das igrejas que iam ser visitadas. A 9 de novembro dava início à visita, na catedral de Beja, a igreja de S. Sisenando, onde pregou perante a irmandade e colegiada. A 11 saiu de Beja, pelas 11 da manhã, em direção a Aljustrel, e à saída da cidade estavam o Conde e a

⁴ «Fui pela primeira vez à cama, depois que estou em Beja há oito anos menos três meses, nesta semana padeci em dois dias um ataque reumático». BPE, Cod. CXXIX/1-19, (Diário 1785- 1788), fl. 14v. Atualizámos a ortografia nas citações.

Condessa de S. Miguel, que o acompanharam durante uma légua. O dia estava de sol e como refere chegou ao anoitecer a Aljustrel⁵.

A visita continuou até 20 de Dezembro, visitando as seguintes localidades: Aljustrel; Messejana, Conceição, Panoias; S. Romão, Vale de Santiago, Santa Luzia, Gravão, S. Martinho, Colos, Relíquias, S. Luís, Odemira, S. Teotónio, Saboia, Santa Clara, Santa Ana, S. Barnabé, Santa Clara (de Almodôvar), S. Sebastião, Rosário, Ourique, Caravel e Castro Verde.

Em todas estas paróquias contactou diretamente com os diocesanos, auxiliando os pobres com esmolavultadas, distribuindo livros, crismando, ordenando e corrigindo costumes. As visitas constituíam então um fator de incremento da economia local, quer pelas avultadas esmolavultadas que o bispo dava aos pobres e outros necessitados, quer pelo pagamento de jornas a assalariados do mais diferente cariz, nomeadamente, carreteiros, almocreves e criados. De todas as despesas e receitas há no Diário do Bispo um registo, umas vezes mais preciso outras menos perceptível e de cariz mais qualitativo (Cf. Quadro em Anexo).

Relativamente a textos pastorais, há diversos de cariz diferenciado, nos objetivos e dimensões: cartas, saudações, exortações e pastorais de maior fôlego; mas todos com um objetivo de instruir e disciplinar o clero e paroquianos. Para o nosso tema importam sobretudo os designados textos de maior fôlego, com mais ênfase nas questões económicas (6) e que vão referenciados na bibliografia.

Feita esta sistematização da prática pastoral e dos textos fundamentais, procuremos as ideias económicas que estão subjacentes.

2. Um clero sábio e um povo dócil e piedoso

A defesa da religião revelada é uma constante nas instruções pastorais do Bispo de Beja, pois assim o exigiam os tempos que na Europa eram de revolução e de propagação de “falsas ideias”. Contudo não é apenas este sentido apologético que notamos, mas também a ideia de que a religião é útil e necessária para o bem-estar da sociedade. Na *Instrução Pastoral sobre as virtudes da Ordem Natural*, fundamentando-se em Santo Agostinho e

⁵ Sobre a jornada escreve: «...vim sempre a cavalo, menos uma légua de segue. Jantamos no Monte do P. Manuel Pinto... ali nos vieram esperar João Pinto, juiz de Aljustrel... chegamos antes de anoitecer» BPE, COD. CXXIX/1-17, Diário de Frei Manuel do Cenáculo, e 1766 até 1780), fl. 283.

insistindo no papel catequético dos párocos como pastores do povo, retrata o homem instruído e crente como o cidadão perfeito. O homem crente será amigo dos outros homens, pacífico e trabalhador, gozando as comodidades da vida e mesmo aumentando continuamente a sua honra e bom nome.

É o carater morigerador da religião, em período de temporal de ideias e de propostas, que o Bispo aponta como o caminho seguro para melhoria da condição material dos homens. A piedade cristã será a base da prosperidade da nação, porque a valorização do trabalho profissional, o combate ao ócio e a diligência nos ofícios são as suas consequências:

Ela serve a Causa Pública, e acredita-se como tal, ainda quando o homem se exercita em ações civis, porque a intenção com que obra o Católico o encaminha para Deus. (...). *Em tudo isto leva a Piedade Cristã o necessário prumo para se não desmandar o homem para ócio prejudicial à vida, porque é Lei da mesma Piedade Cristã que a obrigação segundo o estado de cada um prefere a outros exercícios*; mas nunca, sendo estes devotos, privam os Fiéis de serem bons cidadãos: ajustam-se admiravelmente estes caracteres. O espírito discreto que ensina a Piedade Cristã faz dar a Deus o que é de Deus, e aos homens o que é dos homens⁶.

A citação faz-nos pensar na defesa de um “ascetismo secular” católico, para usarmos os conceitos weberianos. O combate ao ócio e a racionalização da vida baseiam-se nos ensinamentos do catecismo, que por sua vez se baseia no Evangelho. Para este “ascetismo secular” torna-se indispensável eliminar os exageros nas formas exteriores da piedade, nos rituais e festas e, em contrapartida, insistir na religião interiorizada, vivida e fundamentada na palavra de Deus e prática dos sacramentos. Convém, portanto, que precisemos melhor as ideias de Frei Manuel do Cenáculo, relativamente ao catecismo.

Cenáculo iniciou com o episcopado um autêntico combate à superstição, ao desleixo e incúria religiosa, que levava, por exemplo, à recusa do casamento religioso ou das cerimónias de enterro por parte dos camponeses⁷. Neste combate o ensino religioso surge relacionado com a ação de prelado e pastor das ovelhas, que deve zelar pela manutenção da fé no seu rebanho, em constante luta contra o erro, a ignorância, ou os desvios às verdades da

⁶ Cenáculo, 1794, p. 44.

⁷ Marcadé, 1978, p. 210.

revelação. Neste sentido, o catecismo adquire papel fundamental. Mas a ideia em Frei Manuel do Cenáculo vai mais longe, como o exprime:

O catecismo pode estender-se a todas as relações do homem, pois é alma de tudo quanto a criatura racional pode obrar virtuosamente. Com ele se espiritualizam as materialidades em que o homem se exercita referindo-se a Deus, à virtude, e ao bem pessoal e do próximo com quem vive, combinando toda a variedade de acontecimentos⁸.

O ensino não se dirige apenas às crianças, mas a todos os membros da comunidade e que respeita aos comportamentos e atitudes dos homens em geral. Com o catecismo pretende-se, em termos sociais e políticos, formar o “cidadão cristão”, ideia comum a outros vultos da nossa ilustração, como Teodoro de Almeida, ou António Ribeiro dos Santos⁹.

A ideia de profissão como vocação, está documentada nos textos pastorais do Bispo de Beja e em especial na *Instrução pastoral sobre a confiança na Divina Providencia* (1786)¹⁰. O texto é de vital importância para o tema deste trabalho, porque é onde melhor se expressam as ideias de Cenáculo, quer relativamente ao conhecimento científico, quer às ideias económicas. Com efeito, considera a natureza sujeita a leis fixas que cabe ao homem conhecer, exprimindo assim uma perfeita adesão ao sistema newtoniano e, quanto ao pensamento económico, recusa a passividade e abandono à vontade da Providência, para salientar a obrigação do trabalho. Refutando os partidários da filosofia de Epicuro, em especial o seu publicista Lucrécio, que só esperam o agradável, entende que Deus é o Criador e Conservador da natureza e espera que os homens correspondam com agradecimento, resignação e compreensão das leis que regem o mundo¹¹.

Ora como o encadeamento das causas e efeitos só Deus as pode compreender plenamente, perante as situações adversas a disposição básica deve

⁸ Cenáculo, 1786A, p. 5.

⁹ «Ribeiro dos Santos considerava o catecismo, numa linha de criação do cidadão cristão da sociedade mariana de fundamental importância como a primeira e mais importante parte da educação da mocidade». Pereira, 1983, p. 68.

¹⁰ Cenáculo, 1786B.

¹¹ «Para ser-nos sensível de algum modo a economia deste mundo, se tem comparado ao relógio, pois, sem desordem nos movimentos essenciais, outros há nele, que podem muito bem alterar-se». Idem, p. 10.

ser a virtude, mas o homem não deve deixar de pensar com a razão, usando da filosofia, pois ela mostra que a economia da Providência não é a mesma do homem¹². Mas a culpa das dificuldades não deve ser atribuída aos astros, nem a Deus, mas sim ao homem que não soube usar convenientemente as suas capacidades, que não foi previdente ou não trabalhou. A exaltação do trabalho agrícola e das potencialidades morigeradoras que contém, e que enforma todo o agrarismo dos clássicos até aos memorialistas, transparece nas suas palavras:

O entendimento o adverte, que trilhe a Terra, conhecendo-a, e aproveitando-a: que estude as possibilidades da Terra, que foram dadas para exercício de toda a sorte de homens, pois bem hão de parecer Cúrio, e Fabrício, não só triunfando pelas armas, mas passando das vitórias a dispor a sementeira, e a honrar suas mãos, e seu arado na abertura da Terra, e pagando-lhe as ervas, que ela criará, pondo-as em sua mesa frugal, e delas se alimentando, *Heu prisca pietas!*¹³

É neste contexto que condena os abusos, nomeadamente, o luxo quando é fator de ócio, ou de moleza do corpo e alma.¹⁴ Contudo não condena o luxo na sua totalidade até porque o «asseio, e civilidade são louváveis», mas sim o «sistema de luxo desproporcionado, e assim mesmo constante, e quotidiano, enfraquece o valente vigor do espírito, para nem entender as sólidas profundezas da sobriedade»¹⁵. Nestes casos deve ser regulado, pois «faz vício, e fome, e torna os homens indigentes». A fome resulta, portanto, desta propensão do homem para a ociosidade e da inércia produzida pelo luxo, e o seu remédio é o trabalho¹⁶. O trabalho é para o Bispo reformador uma vocação e caminho para a virtude. Deve assim procurar-se meios de cansar a preguiça e de levar força ao cérebro dos homens, procurando uma polícia que combata a ociosi-

¹² «Ar pervertido: Sol invejoso de nossas fortunas; chuvas erradas: pastos fugidios: enfermidades lentas: e tudo falta, porque falta a medida, e representação de tudo, moeda, e crédito...». Cenáculo, 1786B, p. 17.

¹³ Idem, p. 18-19. A expressão latina pode ser traduzida: «Ai a antiga piedade!».

¹⁴ «Oh se o luxo desmedido, e inconsiderado desse por uma vez lugar a sobejarem os bens primeiros, e necessários, pelo desuso de cousas, que nem todos, nem sempre, nem talvez em demasia deveriam praticar!». Idem, p. 19.

¹⁵ Ob. cit., p. 19.

¹⁶ «A fome, e sede não são fados invariáveis: o trabalho é meio seguro de os mudar para boa sorte». Ob. cit. p. 20.

dade, não apenas por parte dos particulares, mas também pelos governantes, promovendo o comércio, a agricultura e as fábricas¹⁷.

Ainda no mesmo texto, retoma o tema do trabalho como forma de glorificar a Deus, em especial a cultura das terras e seu povoamento por colonos, insistindo que as fadigas do homem correspondem à vontade de Deus¹⁸. A analogia com o pão nosso de cada dia, está sempre presente mas também a de considerar o trabalho como vocação ou chamamento divino:

O Céu nos dá o pão nosso de cada dia. Contudo, nosso braço é também que o faz chamar nosso sendo fruto do nosso trabalho, dos nossos arbítrios, e da nossa inteligência com os outros homens, com Astros e Elementos. O pão nosso será como for a nossa indústria. Se aplicarmos braço fraco, ou mal conduzido, tal será o nosso pão. Se nossa diligência é reduzida, e mesquinha, como será quotidiano o pão nosso? Há de ser de instantes e angústia. O Supremo Provisor quer nosso trabalho: *o trabalho é vocação*. Se a esta faltamos, desdizemos de sua retíssima vontade. Os preguiçosos faltando a este pacto, desobrigam o Omnipotente, e sofrem¹⁹.

O trabalho é assim pedra de toque para o bom costume e prosperidade das famílias e da sociedade civil. Refutando as expectativas de soluções miraculosas, porque as leis da natureza são leis fixas e imutáveis e a ordem natural é a vontade divina, para Cenáculo a atitude do cristão é cumprir a sua «profissão cristã» e depois rezar a Deus, que lhe dará comida abundante a tempo oportuno²⁰.

Continuando tributário dos ensinamentos de Santo Agostinho²¹, Frei Manuel do Cenáculo defende que só os vícios, ou para usarmos as suas

¹⁷ Ob. cit., p. 21.

¹⁸ «Na verdade a Providência espera que eles se afadiguem, volvendo a cadeia que prende Céu, e Terra, e lhes pôs nas mãos para estudarem os tempos, as virtudes vegetais, a força das minas, a virtude genital da Terra mãe, compensando os erros das estações, e as faltas de uns meios por outros arbítrios, de sorte que o homem seja sempre posto em ação, pois o descanso é só dado a restituir a atividade. Úteis Escolas são as que ensinam estes pensamentos para gozarem os homens do mundo favorável, o que não será achando-se desprezadas. O homem há de ocupar-se: este é seu destino: se não o fizer com virtudes de Cidadão, gastar-se-á no vício, no ócio, afrontoso, na enfermidade enfadonha, na demanda devoradora, em roer-se no trabalho das paixões, na angústia cruel da fome, e sede, nas fermentações domésticas, e contratempos de ânimo. Quem deixará de escolher antes o trabalho da virtude, e louvor?». Idem, p. 23.

¹⁹ Cenáculo, 1786B, p. 24.

²⁰ Idem, p. 31.

²¹ Sobre a influência de Santo Agostinho basta referir que em praticamente todos os textos de Cenáculo é citado e nalguns por diversas vezes.

palavras os «interesses desmedidos», contrariam a ordem natural e explicam o castigo divino. Por isso critica a usura e a prática do monopólio, que são consideradas viciosas²². Mas os ofícios ou qualquer forma de ganhar honestamente a vida, incluindo o comércio, são meios legítimos e nos quais o homem deve colocar toda a sua aplicação para tornar a natureza benigna, ou por outras palavras para alcançar o fim da miséria, da fome e ter prosperidade²³.

O homem deve assim ser trabalhador, respeitador dos deveres e obrigações, cumprindo a vocação que Deus lhe determinou. Permita-se-nos a comparação, teremos um monge no século: aplicado, humilde e tendo como regra os ensinamentos da religião revelada. Que falta para ser este também o espírito do capitalismo de Weber? A única diferença, contudo substancial, é que este é católico e continua a contar com o seu guia, o pároco ou Bispo que de tempos em tempos lhe faculta a remissão dos pecados, fruto das negligências, da ociosidade e luxo desmedido a que se entregou. Mas será isso significativo num contexto social e económico pré-industrial? Para tentar responder, importa ver o papel que atribuía aos pastores do povo.

Para o clero o texto mais referenciado, quer em matéria científica, quer especificamente em matéria económica é a *Instrução Pastoral sobre os estudos Físicos do Clero*. É um texto em que Cenáculo defende com ardor a instrução dos clérigos na Física, na Matemática e na História Natural. Nas suas ideias, o estudo físico compreende a História Natural. Os argumentos principais para defender que os clérigos se devem aplicar ao estudo físico são: que o estudo das obras da Natureza permite conhecer melhor o Criador, que o eclesiástico instruído pode interpretar corretamente a Sagrada Escritura – onde encontrará também muitas lições de História Natural – e sobretudo porque esse estudo é fundamental para ajudar os povos rústicos, a combater a superstição, a curar as doenças e ajudá-los no trabalho agrícola²⁴.

²² Cenáculo, 1786B, 29.

²³ «Pode-se na verdade confiar, que de todos os bens gozaremos pelos desempenhos da ordem Natural, e da Vida Cristã. (...) A Natureza pelos meios da sua ordem, na agricultura promovida, no desterro da ociosidade, pelo exercício das Artes, e no Comércio, e quaisquer outros usos lícitos de granjear a vida». Idem, p. 33.

²⁴ No primeiro caso: «O rústico é supersticioso, e abusa das criaturas com inércia, ou malícia, entendendo ser nelas mistério, o que é Natureza». Ob. cit. p. 7. No segundo: «A pessoa do povo, que observar o Eclesiástico instruído com esta erudição, não tardará a perguntar-lhe os arbritrios de melhorar sua agricultura, e a razão das cousas, que só tiver aprendido acerca da Natureza por fora dela e por costume», Idem, ibidem.

É também nesta pastoral que defende que os clérigos devem eles próprios trabalhar na agricultura, porque o trabalho é o melhor antídoto contra a preguiça, para fazer pela sua alimentação e mesmo trabalhar nos ofícios desde que «evite o torpe lucro». Daí, que aponte a utilidade diária do conhecimento dos animais²⁵, uma «utilidade prática» e literária.

Recomenda também o estudo médico para o clero, porque com ele os párocos aumentarão a sua caridade, ao curarem as doenças dos seus fregueses. No estudo médico, realça valor da Anatomia, como meio de emendar a «Medicina abstrata», para explicar as curas milagrosas e o poder das alegorias nos textos bíblicos²⁶.

É nesta pastoral que também divisamos com mais clareza a defesa do agrarismo. Com efeito, não só recomenda aos seus clérigos o estudo atento dos livros modernos sobre a «*bendita agricultura*», como a considera a atividade mais nobre e o «*nervo dos Estados*»²⁷. Uma atividade que Cenáculo quer ver desenvolvida com novas técnicas, beneficiando de novos inventos e por isso o clérigo pode muito bem ser um inventor:

Sua sagacidade o faz inventor de concertadas máquinas para adiantar a mão de obra, e para multiplicar dias em poucos instantes, fazendo vencer em breve tempo o que o mero braço levaria sobejas horas. Esta prenda o supõe hábil na mecânica, e outras espécies de Matemática²⁸.

O Bispo reformador pretende assim que os seus clérigos sejam uma elite instruída e culta, a par das principais descobertas científicas e técnicas – como demonstra na atualização bibliográfica que documenta os seus textos – para um exercício efetivo do cargo de pastores dos povos. Ser pastor dos povos

²⁵ «...sabe com seus conselhos provocar as virtudes, e préstimos animais (...), aqui no arbítrio de curar enfermidades, n'outra parte em proporcionar-lhe, e facilitar-lhe os pastos: aqui em mostrar novas espécies, que não estão conhecidas, e deste modo irá correspondendo à Providência. (...) assim persuadido, passará a instruir os homens a promoverem os bens físicos para o sustento, e honestidade, ou esplendor das famílias, que pela pobreza vivem na miséria desagradável a todos os bons, e vivem expostos à ruína e à malícia». Ob. cit. p. 23- 24.

²⁶ Cita os escritos de Vicent Moles e Pedro Lapepiera (1503). A medicina proporcionará também a distinção entre o milagre e a cura por efeitos naturais. Ob. cit. p. 42-43.

²⁷ «...copioso, por uma e outra lição, e refeito dos documentos sobre a bendita agricultura; penetrado também das forças de que ela é dotada, não há instante, em que não aconselhe a prática desta inimiga do ócio, deste nervo dos Estados, desta feliz ocupação para benefício, e contentamento dos homens». Ob. cit. p. 44.

²⁸ Ob. cit. p. 45.

significava não só zelar pela prática correta dos ritos e rituais da Santa Igreja, para manutenção da fé e garantir a salvação da alma, mas também auxiliar os camponeses no trabalho agrícola, e combater a miséria e as doenças.

3. Considerações Finais

As visitas pastorais de Cenáculo têm subjacente a ideia muito cara aos naturalistas e memorialistas de finais do século XVIII de procurar através da viagem o conhecimento exato da realidade social e económica. Como bispo e pastor dos povos, as visitas prolongam também o espírito do Concílio de Trento de pugnar pela ortodoxia religiosa, o combate à superstição popular e a manutenção da fé e dos rituais católicos. Sob o ponto de vista económico elas traduzem uma preocupação constante com a miséria e um recurso à esmola para minorar esses flagelos que caracterizavam a vida dos povos do Alentejo.

Das instruções do Bispo, deduz-se que procurar através do conhecimento científico e técnico, bem como da ação política, meios para a prosperidade dos cidadãos em nada contraria a vontade divina, antes pelo contrário, esse é o meio de lhe corresponder. Do mesmo modo, os homens correspondem aos desígnios do Criador, quando se aplicam na agricultura, no comércio, nas fábricas e quando instituem companhias e sistemas financeiros. A economia e as atividades económicas, quando orientadas para o bem público, são também serviço de Deus.

ANEXO

Tabela1 – Visitas Pastorais Episcopado em Beja (1777-1800)²⁹

Ano	Mês/dias	Localidades visitadas	Esmolas	Total despesas (em Réis)	Receitas	Saldo	Crisma
1778	11 Nov. a 20 de Dez.	Aljustrel, Messejana, Conceição, Panoias, S. Romão, Vale de Santiago, Santa Luzia; Gravão; S. Martinho, Colos, Relíquias, S. Luís, Odemira, S. Teotónio, Saboia, Santa Clara, Santa Ana, S. Barnabé, Santa Clara de Almodôvar, S. Sebastião; Rosário; Ourique, Caravel; Castro.	945.430	1.302.980	-	-	-
1779	29 de Abr. a 17 de Maio	O resto do Bispado: Distrito de Moura, Amareleja, Santo Aleixo, Santa Luzia.	-	-	-	-	-
1780	12 a 21 de Maio	Torrão, Santa Margarida e Odivelas.	1.055.142	-	62.892	-992.252	1.676
1782	7 de Maio	Quintos e Ficalho	49.000	85.220	66.760	-18.460	-
1782	9 de Out.	Mértola	-	-	-	-	-
1783	19 de Mar.	S. Clemente de Loredo	14.720	18.480	3.040	-15.440	-
1783	11 de junho	Pedrogão, Orada, Marmelas e Selmes	-	94.590	77.440	-17.150	-
1783	9 Nov.	Baleizão	17.420	27.780	60.440	32.660	1.007
1783	26 de Nov.	Santa Victoria e de Mombeja	33.185	44.505	15.780	-28.725	407
1783	4 de Nov.	Alvito, Vila Nova e Faro	-	133.920	89.120	-44.800	802

²⁹ No quadro resumimos os dados que a nossa pesquisa permite retirar dos registos autógrafos de Cenáculo. No caso da administração dos sacramentos, nomeadamente, comunhões e crismas surgem muitas descrições qualitativas. Por exemplo para a primeira visita pastoral: “crismei, dei bastantes comunhões”. BPE, Cod. CXXIX/1-17, fl. 213; ou “de tarde crismei até de noite”. Idem, fl. 217.

1785	11-14 Nov.	Cuba	86.930	197.170	48.000	-149.170	783
1787	19 a 29 Nov.	Serpa	-	353.360	338.140	-15.220	-
1788	22 de Jan.	Vidigueira e mais vilas do condado.	-	455.740	442.270	-13.470	-
1788	17-22 de Ag.	Jornada a Sines	-	-	-	-	-
1788	7 de Out.	Santo André	-	-	-	-	-
1794	4 de Jun. 8 de Ag.	Sines, Troia e Melides.	-	323.670	-	-	-
1798	1 de Set.	Sagração do Mosteiro da Serra da Ossa	-	-	-	-	-
1799	11 de Jul. 2 de Ag.	Sines	-	-	-	-	-
		TOTAIS	2.201.827	3.037.415	1.205.990	-1.831.425	4.675

(Fontes: BPE, Códices: CXXIX/1-17; CXXIX/1-18; CXXIX/1-19; CXXIX/1-20)

BIBLIOGRAFIA

MANUSCRITOS

1. Diário D. Frei Manuel do Cenáculo na Biblioteca Pública de Évora (BPE)

Cod. CXXIX/1-17, 1766-1780, 283 fls.

Cod. CXXIX/1-18, 1780-1784, 260 fls.

Cod. CXXIX/1-19, 1784-1788, 224 fls.

Cod. CXXIX/1-20, 1789-1794, 218 fls.

Cod. CXXIX/1-21, 1794-1811, 290 fls.

2. Outras Fontes

Cod. CXXVIII/2-4, [*Pastorais, provisões editais, do Bispo de Beja*], 1777-1804, 437, fls.

IMPRESSOS

1. Textos de Frei Manuel do Cenáculo

Instrução pastoral do Excellentissimo, e Reverendissimo Bispo de Beja sobre as virtudes da Ordem Natural, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1785.

Instrução pastoral do Excellentissimo, e Reverendissimo Bispo de Béja sobre a confiança na Divina Providencia, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1786.

Instrução pastoral do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Beja sobre o catecismo. Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1786.

Instrução pastoral do Excellentissimo, e Reverendissimo Bispo de Béja sobre os estudos Fysicos do seu clero, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1786.

Instrução pastoral do Excelentissimo, e Reverendissimo Bispo de Béja sobre a modestia dos vestidos do clero, Lisboa, Na Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1792.

Carta do do Excelentissimo, e Reverendissimo Bispo de Béja, e instruções sobre os trabalhos presentes da Santa Igreja, Lisboa, Na Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1794.

2. Outras Obras

- CAEIRO, Francisco da Gama, *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, in *Dispersos*, Org. Maria de Lourdes Sirgado Ganho, Lisboa, Imprensa Nacional, 1998.
- MARCADÉ, Jacques, *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Évêque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814)*, Paris, Centro Cultural Português – Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.
- PEREIRA, José Esteves, *O pensamento político em Portugal no século XVIII. António Ribeiro dos Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1983.

- VAZ, Francisco, coord, *D. Manuel do Cenáculo: Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário*, Porto, Porto Editora, 2009B.
- VAZ, Francisco, coord, *Os Livros e as Bibliotecas no Espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2009.
- VAZ, Francisco, “A Fundação da Biblioteca Pública de Évora”, in Vaz, Francisco e José António Calixto, *D. Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas*, Vale de Cambra, Caleidoscópio, 2006, p. 57-89.
- VAZ, Francisco, *Instrução e Economia. As ideias económicas no discurso da Ilustração Portuguesa*, Lisboa, Colibri, 2002.

